

RESULTADOS E PERSPECTIVAS DA ESCOLA EXPERIMENTAL DE CINEMA NA COMUNIDADE DE GURUGI – IPIRANGA

Jaquicilene Ferreira da Silva Alves¹

Prefeitura Municipal de Conde – Secretaria de Educação, Cultura e Esporte - jaquicilene@gmail.com

Resumo do artigo: O artigo relata a minha experiência como professora da rede municipal após a implementação da Escola Experimental de Cinema na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Albino Pimentel na comunidade quilombola de Gurugi – Ipiranga, município de Conde/Pb. Como ocorreu o processo de desconstruções, as dúvidas e as influências das atividades desenvolvidas com cinema e os desafios como professora da turma do 5º ano do ensino fundamental. Os principais resultados e as possibilidades que surgem com a inferência do cinema e das tecnologias digitais.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Direitos Humanos, Escola Experimental de Cinema, Tecnologias.

¹

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Educação Básica I do município de Conde/PB.

Introdução

Existem muitas formas de pensar o fazer pedagógico dentro e fora da escola, a primeira ideia é atribuir sentido ao aprendizado, com aulas significativas em que o estudante possa aprender para a vida. Desenvolver uma experiência inovadora é acreditar no potencial do estudante e contextualizar um universo de informações que acontecem fora da escola e que passa despercebido numa perspectiva tradicional. É fácil perceber crianças de todas as idades manipularem tranquilamente celulares e outros equipamentos de multimídia, todavia, ainda há uma lacuna no que se refere ao uso desses equipamentos e as aulas nas escolas - em especial, nas públicas. Este artigo relata a minha experiência como professora da rede municipal após a implementação da Escola Experimental de Cinema da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Albino Pimentel os resultados alcançados e as perspectivas após a implementação.

A Escola Experimental de Cinema-EEC é uma iniciativa do projeto Semente Cinematográfica, parceira do projeto Inventar com a Diferença: Cinema, Educação e Direitos Humanos (Universidade Federal Fluminense – RJ, e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) e da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Jose Albino Pimentel. Conta ainda com a parceria do Tintin Cineclube, Grupo de Pesquisa Jornalismo, Gênero e Educomunicação da UFPB e do Cearte – Centro Estadual de Arte.

A referida escola está localizada zona rural do município de Conde – PB, numa comunidade quilombola e território de assentamento, marcado por grandes lutas pela conquista da terra. A comunidade de Gurugi - Ipiranga é um oásis na agricultura, na cultura popular (como coco de roda, capoeira, lapinha, maculelê) e no artesanato principalmente o artesanato com o barro.

Essa escola experimentou a implantação da Escola Experimental de Cinema em 2016/2017 dentro do próprio espaço escolar. Com o objetivo de desenvolver, junto aos professores e alunos, práticas pedagógicas de cinema, educação e Direitos Humanos, realizando atividades cineclubista, ateliers de criação cinematográfica para os estudantes e formação de professores. Superou as resistências, dúvidas e inquietações. Transformou o cotidiano escolar numa prática inovadora que ainda se debate com a com a Pedagogia Bancária citada por Paulo Freire (1987 p.59) “[...] para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos[...]”. Contrária a educação libertadora, emancipadora e dialógica. Partindo desse pressuposto a favor dos educadores existe um universo tecnológico a ser explorado, sendo o cinema uma das inúmeras aberturas. No entanto, na maioria das vezes, os profissionais não estão aptos para utilizar essas ferramentas que poderiam ser um diferencial no fazer educativo.



Nesse contexto, podemos destacar também o cinema como parte integrante e fundamental nesse processo, não apenas como entretenimento, mas como ferramenta pedagógica. Ampliando as noções de escolha, partilha, respeito as opiniões, invertendo o uso negativo das tecnologias digitais para um fazer pedagógico interessante e inovador. Contrariando o uso dos celulares e outros equipamentos de multimídia de um problema a uma solução. A cerca de Educação, cinema e tecnologia na escola, FRESQUET afirma:

“Sem esquecer o conjunto da cultura digital, as séries e filmes para internet, as produções transmidiáticas, os filmes para celular. Crianças e adolescentes, de todas as camadas sociais, têm em maior ou menor medida acesso às novas tecnologias e esse conhecimento vem com eles para a escola e sua cultura deveria estar pensada no currículo escolar”.
(FRESQUET, 2015, p. 145)

Os objetivos do presente artigo se entrelaçam no relato de uma experiência fundamentada nos resultados das atividades realizadas com cinema na turma do 5º ano, na contribuição das tecnologias na apropriação dos saberes escolares e nas ações paralelas indissociáveis aos Direitos Humanos. Bem como, o processo de construção do produto final da referida turma e os desdobramentos e perspectivas da após essa caminhada.

Como aspecto relevante, acrescento a inclusão de duas crianças com deficiência intelectual (DI) ao processo educativo sendo uma com deficiência intelectual DI leve, outra DI moderada, que participavam das oficinas e conseguiam dialogar com os demais estudantes de forma espontânea, solta, sem medos, emitindo suas opiniões e manuseando as câmeras com a mesma propriedade dos demais.

Tomando ainda como referência esse fazer pedagógico diferenciado, não podemos esquecer que a valorização dos saberes locais se constitui como parte preponderante no crescimento educacional dos estudantes, especialmente, daqueles que se enquadram no perfil de uma cultura escolar específica, a exemplo, de escolas do campo, que atendem grupos sociais diversificados, destacando as comunidades quilombolas que ainda preservam em seu cotidiano escolar seus costumes e hábitos.

Metodologia, Resultados e Discussões

A minha prática docente sempre esteve orientada por uma prática tradicional, seguindo um rígido sistema de ensino e um currículo engessado e alheio à realidade da comunidade escolar que seguia seguramente até o cinema entrar na sala de aula. Apesar dessa filiação ao sistema tradicional, internamente alguns pensamentos me assolavam. A princípio: como era possível seguir com uma prática com os estudantes no qual só eu falava, repassando para eles conteúdo e mais conteúdo como se eles fossem recipientes vazios? Será que esse modelo tradicional que apenas reproduz conteúdos pré-estabelecidos não podava todas as possibilidades de tornar as crianças autônomas e conscientes? E posteriormente: Como trazer o uso das tecnologias para as aulas sem a banalização da informação? Seria possível construir um aprendizado consistente estabelecendo um diálogo entre cinema, tecnologias e Direitos Humanos?

Para a realização dos Ateliês de criação cinematográficas havia um suporte. Cadernos do Inventar é livro que orienta a realização do projeto “Inventar com a Diferença - Cinema, Educação e Direitos Humanos”. Uma proposta para o encaminhamento das oficinas na escola, com várias opções adaptáveis chamadas dispositivos.

“Dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias. Há dois modelos de dispositivos: aquele com equipamento de filmagem e gravação de som e aquele sem equipamento” (MIGLIORIN, Cezar et al, 2016, p.14)

Os encontros semanais contemplavam 2 horas de duração por turma. A sala de cinema, que antes era um depósito, é um espaço pequeno, simples e aconchegante. Entramos descalços, sentamos no chão, assistimos mídias curtas, muitas vezes dispositivos realizados em outras escolas. A partir da observação a turma era dividida em grupo e de posse da câmera os estudantes desenvolviam atividade proposta. Ao retornar a sala de cinema a turma assistia as próprias produções.

Em pouco tempo a escola se tornou pequena e avançamos para a comunidade. As ruas de barro, tão comuns na vida dos estudantes ganhavam vida e imagem. Era perceptível a dificuldade de desenvolver práticas libertadoras com a turma do 5º ano, pois eles já tinham o fazer pedagógico



tradicional impregnado na vida escolar. Por muitas vezes precisava parar e conversar, para que a proposta não fosse confundida com bagunça.

A cada realização dos dispositivos mais envolvidos os estudantes ficavam, em momentos havia uma certa concorrência quanto ao uso dos equipamentos, com criatividade e paciência tudo era contornado. Cada dispositivo trazia uma inovação e um grau de dificuldade que estimulava discussões e questionamentos. A valorização das escolhas e o respeito a opinião do outro eram afirmadas a cada aula. As atividades com o cinema me afetavam trazendo a reflexão de novas possibilidades. Não existia perfeição, mas a sensação de incompletude, de que algo poderia ser revisto e melhorado. Essas experiências são contempladas no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos:

A educação em direitos humanos vai além de uma aprendizagem cognitiva, incluindo o desenvolvimento social e emocional de quem se envolve no processo ensino- aprendizagem. A educação, nesse entendimento, deve ocorrer na comunidade escolar em interação com a comunidade local. [...]. Não é apenas na escola que se produz e reproduz o conhecimento, mas é nela que esse saber aparece sistematizado e codificado. Ela é um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional pedagógica e a prática e vivência dos direitos humanos. (BRASIL. 2007,p.31)

Quando relacionamos Escola e Direitos Humanos, nesse contexto, é inevitável a contemplação da representação do território na vida dos estudantes. A escola é o seio da atividade pedagógica, mas não o único. O território também contempla a dimensão educativa esclarecido por Singer (2016), é um lugar que: “Agrega escolas que reconhecem seu papel transformador e que entendem a cidade como espaço de aprendizado”. O território educativo é propositivo ao aprendizado e faz parte do cotidiano dos estudantes, local a ser explorado em sua totalidade.

Essas discussões completam o conceito de território que consta nas Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: [...] “diz respeito a um espaço vivido e de profundas significações [...] é compreender a forma complexa como se entrelaçam direito, autodeterminação dos povos e superação de desigualdades” (p. 439).

As oficinas e o tempo me possibilitaram conhecer melhor a vida das crianças. Estabelecemos um diálogo direcionado, uma abertura maior me aproximou mais do cotidiano deles. Vidas tão jovens e repletas de histórias. As escolhas dos exercícios e das criações cinematográficas dos estudantes sempre refletiam muito da vida deles. E essa era a intenção. Tive a iniciativa e a coragem de aproveitar tudo isso em produções escritas e em outros exercícios comuns. Momento de

várias desconstruções. Por exemplo o uso dos smartphones na sala de aula, antes era proibido, foi negociado com a turma e, em comum acordo passou ser liberado, exceto durante as explicações. Uma relação de confiança que nunca pensei experimentar.

O cinema passou a ser parte integrante das aulas e passei a incluí-lo no planejamento. Muitas atividades que antes eles se recusavam a fazer passaram a ser experimentadas com as câmeras e celulares e os estudantes compreendiam melhor. Por exemplo, na aula de ciências o conteúdo era Luz e Sombras, em grupos combinamos de sair da sala e filmar situações que tivessem a luz, o objeto, o anteparo, a sombra. Depois fomos para a sala de cinema para assistir as produções de cada grupo. Em cada filmagem os estudantes do grupo faziam questão de apresentar os vídeos, esclarecendo cada item que deveria compor a filmagem. A aula se transformou em um seminário com intervenções e participações.

Um dos dispositivos proposto foi a produção de um filme - carta. A atividade consiste em construir um filme, com personagens, músicas e áudios contando uma história. Fomos desafiados nessa vivência. No primeiro momento, escolhemos um estudante e depois elaboramos um roteiro envolvendo o que era importante filmar, como e onde realizar as filmagens. A história contava como era a vida de uma criança da comunidade quilombola de Gurugi – Ipiranga e sua relação com a agricultura. Elaboramos um texto para a leitura de fundo e combinamos duas aulas de campo para cumprir nosso roteiro. Os espaços escolhidos eram as casas dos estudantes que havia plantações, durante as saídas percebi que eles estavam excessivamente agitados, numa grande euforia, mas não achei pertinente intervir. Após as duas aulas de campo, ocorridas em dias diferentes todo o material foi levado para ser editado. Após alguns dias ao assistir o que viria a ser o nosso filme, a turma foi acometida por uma grande decepção. O filme tão sonhado e planejado ficou com imagens trêmulas, muitos ruídos, não havendo uma compreensão do que queríamos transmitir. As imagens não foram melhor aproveitadas por falta de alguns cuidados durante as gravações. A turma ficou muito triste.

O tempo previsto para a conclusão da tarefa era pouco, mas uma criança falou na possibilidade de refazermos as imagens buscando corrigir os erros. Toda a turma passou a pedir uma nova chance e mesmo com pouco tempo decidimos tentar mais uma vez. Dialogando na sala de cinema paramos e os estudantes ficaram livres para um momento de autoavaliação. Passei a ser apenas uma pessoa que escreveu na lousa completamente comandada pela turma. Fiquei surpresa com a autonomia dos estudantes.

Adentramos o território mais uma vez. A turma estava mais madura, concentrada. Em sua maioria refletiu no erro como ponte para o acerto. Nosso diálogo foi pautado nas oportunidades e como as nossas escolhas interferem na nossa vida. Em como estamos usando as tecnologias em nosso cotidiano, que tipo de mídias assistimos e compartilhamos e ainda como usamos as redes sociais.

Nas gravações mais foco e determinação, mas uma vez não intervi, estava apenas mediando os acontecimentos. Retornamos e alguns dias depois fomos assistir as nossas filmagens. Ficamos muito satisfeitos com resultado. As produções foram levadas para serem editadas pelos coordenadores do projeto. E retornaram para a conclusão do nosso filme – carta.

As vivências da turma do 5º ano da Escola José Albino Pimentel na Escola Experimental de Cinema refletem uma iniciativa inovadora com o cinema e o uso das tecnologias. Confiar no protagonismo das crianças é fundamental para seu o desenvolvimento integral. Constata-se que o professor deve mediar saberes e não depositá-los. Desfragmentar o currículo escolar é uma saída para aulas significativas, o cinema é uma dessas alternativas.

Apostamos em um cinema que, no encontro com a escola, venha a produzir aprendizagens várias, inclusive de conteúdos, mas como efeito e não como objetivo. Muito mais promovendo ações de emancipação intelectual, de construção de pontos de vista e de escuta do mundo, como possibilidade de imaginá-lo de um outro modo. (FRESQUET, 2015, p. 16)

Ter acesso ao cinema na escola possibilita ao estudante problematizar situações diversas intencionando o amadurecimento intelectual. Questionamentos dessa natureza ampliam a interatividade entre o uso emergente das tecnologias, o cinema e a escola. Investindo no território educativo e na propensão de valor a comunidade quilombola de Gurugi – Ipiranga.

Conclusões

Para além da nota é muito gratificante ver o estudante avançando para a vida. Não sei ainda quais rumos minha vida profissional tomará, mas nada será como antes. A Pedagogia do cinema está florescendo e tem muitos frutos a oferecer.

A mudança é percebida quando deixarmos de ensinar para promoção de ano e passarmos preparar para a vida. Isso não demanda a ausência de conteúdo ou avaliações, mas o sentido que a escola e o processo educativo representam para o estudante. Essa experiência deixa nítido que todas

as tecnologias precisam estar dentro do espaço escolar e mais ainda que o estudante possa ter acesso a elas. Quando ignoramos o novo e o diferente negamos a condição de aprendiz estabelecendo o distanciamento do nosso alvo principal.

Respeitar as vivências e os saberes é atribuir sentido ao aprendizado. É imprescindível que sejam respeitados e dialogados com a prática pedagógica. A continuação da Escola Experimental de Cinema, que já deixa de ser uma experiência, torna-se uma opção. Sendo uma responsabilidade dos professores e da gestão escolar. Tais responsabilidades são partilhadas com a Prefeitura Municipal de Conde, que por meio da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes comprometeu-se em contribuir com a continuidade das atividades relacionadas ao cinema na escola financiado novos equipamentos e a abertura institucional para as atividades.

A Supervisão Escolar está em processo de revisão e adequação do Projeto Político Pedagógico na EMEIF José Albino Pimentel, esse diálogo está sendo construído paulatinamente entre representantes da escola e da comunidade. Tal revisão é um grande passo para inserção do cinema na proposta educativa da escola.

A partir da Escola Experimental de Cinema, outras práticas foram despertadas e desenvolvidas. Como exemplo, a turma do 4º ano A, com a mediação da Professora está realizando uma atividade ramificada a EEC relacionada ao Hip hop. Já foram realizadas pesquisas na internet no laboratório de informática da Secretaria de Educação, e produções diversificadas relacionadas a esse tema que envolve o desejo dos estudantes e o uso das tecnologias.

Como próximo passo, almejo que as crianças possam manipular com autonomia o universo digital. Baixar vídeos da internet, descarregar arquivos da filmadora e smartphones para o computador e ainda editar suas produções cinematográficas. Tenho plena consciência dos obstáculos que surgirão durante esse processo, mas acredito que é fundamental buscar preparação para estabelecer diálogos com propriedade de argumentação.

De forma bem particular, continuarei utilizando o cinema como suporte pedagógico nas aulas, pesquisando e buscando formação nesse tema. Planejar atividades para o cineclube, continuar usando os dispositivos e utilizar a sala de cinema para que esse espaço não seja subutilizado. Reconhecer e valorizar as conquistas faz parte de um processo histórico. Algumas vezes doloroso e descontínuo, mas que sempre proporciona aprendizado.



Referências Bibliográficas

BRASIL. Comitê Nacional de Educação e Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRESQUET, Adriana (org). **Cinema e educação: a lei 13.006 - reflexões, perspectivas e propostas**. Minas Gerais: Universo Produção, 2015. Acesso em 12 de agosto de 2017.

_____. **Cinema para aprender e desaprender: Currículo de cinema para Escolas de Educação básica**. Rio de Janeiro: Laboratório de Educação, Cinema e audiovisual UFRJ, 2013.
http://www.educacao.ufrj.br/portal/livros/curriculo_cinema.pdf Acesso em 12 de agosto de 2017.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

Portal Aprendiz. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/04/06/territorios-educativos-como-aprender-na-cidade/>>. Acesso em 12 de agosto de 2017.